

A NARRATIVA DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA REVELANDO AÇÕES DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

Patrícia Corrêa Santos¹

GD7 – Formação de Professores que Ensinam Matemática

Resumo: O presente texto apresenta resultados parciais da nossa pesquisa de doutorado, em andamento, a qual busca, a partir das narrativas autobiográficas de 12 professores de Matemática do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Teixeira de Freitas, Bahia, responder a seguinte questão: Quais ações de insubordinação criativa são desenvolvidas por professores de Matemática em sua prática docente? Sob essa questão, este estudo objetivou identificar e analisar, a partir das narrativas de professores de Matemática, ações de insubordinação criativa e possíveis contribuições no desenvolvimento da prática docente. Com aspectos do método biográfico, este estudo apresenta a Narrativa como abordagem metodológica e a Entrevista Narrativa como o principal instrumento de produção de dados. Assim, as narrativas orais dos professores colaboradores conduziram a fundamentação deste estudo, proporcionando, a partir de suas vozes e perspectivas, novas reflexões acerca da prática docente, quando apresentam ações de insubordinação criativa. Para a análise das narrativas foi considerada a proposta de Fritz Schütze. O início da análise dos dados apresenta indícios de como se desenvolvem as ações de insubordinação criativa dos professores entrevistados, quais são os fatores que influenciam esse movimento e o contexto em se inserem. Além disso, revela características desse professor que apresenta ações que dialogam com o conceito. Um professor crítico e consciente das limitações do sistema educacional em seu ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Insubordinação criativa. Narrativas autobiográficas. Entrevista narrativa.

INTRODUÇÃO

A motivação que nos conduziu ao tema de pesquisa é delineada por um cenário educacional onde professores são expostos a uma diversidade de questões políticas e sociais no ambiente escolar que desafiam a prática docente no cotidiano da sala de aula. Diante realidade, normas e diretrizes educacionais, ao não contemplarem casos específicos na educação escolar, desafiam a ação docente quando buscam atender as necessidades do seu contexto sem apoio prévio. Como resultado desse quadro, muitos professores apresentam uma postura tradicional e conservadora. D'Ambrosio (2014) chama a atenção para o fato de que professores são preparados para cumprir regras impostas pelo sistema educacional e a reproduzir o que lhes foi ensinado no curso de licenciatura. Segundo pesquisador, eles não são preparados para tomar decisões em seu trabalho docente e essas,

¹Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL; Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática; pro.patricia@hotmail.com; Orientadora: Dr.^a Celi Espasandin Lopes.

na sua maioria, não são previstas durante sua formação que por vezes, não visam o desenvolvimento da criticidade desses profissionais.

Ainda assim, é observado que, de alguma forma, uma parcela dos professores apresenta uma postura de não conformismo com o sistema educacional ao atender às expectativas e necessidades do ambiente escolar. Esse fato, constatado em nossa experiência profissional e acadêmica, nos levou ao seguinte questionamento inicial: quais ações são provocadas por dilemas e desafios vivenciados por professores de Matemática em suas práticas pedagógicas?

Essa temática tem sido discutida nos últimos anos por pesquisadores internacionais e brasileiros, como Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes (2014), ao lançarem seus olhares sobre ações de professores de Matemática, quando não seguem, ou adaptam, normas e diretrizes educacionais impostas, ao perceberem que essas não são mais suficientes para atender as necessidades de seus alunos. Segundo D'Ambrosio e Lopes (2014), essas são ações de “insubordinação criativa²”.

A partir de indícios, acreditamos que essa atitude requer do professor um autodesenvolvimento contínuo, na busca imediata por práticas educacionais que demandam autonomia e liberdade sobre suas ações, numa perspectiva social e educacional. Nesse sentido, o foco desta investigação é envolvido pelas possíveis potencialidades das ações insubordinadamente criativas de professores de Matemática, para um processo de ensino e aprendizagem de matemática com mais significado.

O QUE DIZEM SOBRE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA?

O conceito apareceu formalmente, pela primeira vez, em um minucioso relatório etnográfico como resultado de uma pesquisa com foco na direção escolar, realizada por Morris et al. (1981), em 16 escolas de Chicago, nos EUA. Esse estudo tratou da insubordinação criativa como uma postura de oposição dos diretores ao lidar com a burocracia educacional advinda de órgãos superiores, sempre com o propósito de proteger moralmente a escola, os alunos e professores.

² O termo “insubordinação criativa” é igualmente definido por D'Ambrosio e Lopes (2014) como "subversão responsável", termo empregado por Hutchison em 1990.

Em 1990, Hutchison publicou uma pesquisa realizada com 21 enfermeiras de diferentes contextos clínicos, sobre suas experiências ao quebrarem protocolos e regras em prol de proteger e de dar melhores condições aos pacientes em tratamento. Diante ações, o autor empregou o termo “subversão responsável”, para descrever tal comportamento e concluiu que, dadas certas condições como conhecimento, ideologia e experiência, as enfermeiras tendiam a serem envolvidas em ações de subversão responsáveis.

Na mesma perspectiva do estudo de Morris et al. (1981), outro estudo que também trabalhou com a insubordinação criativa de diretores, foi o de Keedy, em 1992. O conceito de insubordinação criativa é aplicado pelo autor na descrição do comportamento dos diretores ao melhorarem as condições das escolas quando trabalhavam com independência, sem o apoio político dos seus superintendentes e supervisores.

A insubordinação criativa tem dois propósitos principais: garantir que as diretivas do sistema não atinjam de maneira injusta ou inadequada professores e alunos e evitar a possível reação adversa que o desafio imediato possa acarretar. Crowson (1989) e Haynes e Licata (1995) argumentam que quando os diretores usam a insubordinação criativa, eles adotam comportamentos contra burocráticos que, frequentemente, contêm um elemento moral projetado para amenizar as consequências antieducacionais (ROCHE, 1999, p. 257).

Na Educação Matemática, Gutierrez (2013) relaciona o conceito às ações de professores de Matemática ao resistirem a políticas e diretrizes burocráticas, num contexto que envolve questões sobre racismo, classe e de linguagem, com a insubordinação criativa. A autora realizou alguns estudos sobre o tema, um desses estudos é sobre a forma como alguns professores dessa área “assumem riscos em seus contextos de trabalho para defender alunos historicamente marginalizados” (GUTIERREZ, 2015, p. 2, tradução nossa).

Em 2014, as pesquisadoras Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes, apresentaram o conceito à Educação Matemática brasileira ao publicarem o artigo “Subversão responsável de uma professora, propiciado por seu processo de desenvolvimento profissional” e, por conseguinte, o primeiro livro da coleção *Insubordinação Criativa, Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas*, o qual teve como fonte as narrativas de professoras participantes de um grupo colaborativo. As autoras apresentam o conceito “como uma ação de oposição e, geralmente, em desafio à autoridade estabelecida, quando esta se contrapõe ao bem do outro, mesmo que não intencional, por meio de determinações incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias” (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 29). E completam,

se refere às ações de rupturas assumidas diante às normas ou regras institucionais visando um melhor atendimento às necessidades das pessoas às quais se prestam serviço. No caso da educação, são considerados subversivamente responsáveis os gestores e professores que criam alternativas criativas para obterem melhores resultados para o bem comum da comunidade escolar constituída por seus colegas, alunos e pais [...] (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, contracapa).

Diante expectativas que envolvem esse conceito, entendemos que tratar desse tema nos remete a uma variedade de questões políticas educacionais, de justiça social e responsabilidade moral, e, conseqüentemente, a um movimento de positivas possibilidades referentes ao fazer humano, frente aos desafios existentes na dinâmica do seu dia a dia.

OBJETIVOS, ABORDAGEM METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS

Objetivos de pesquisa

Com o objetivo de identificar e analisar a partir das narrativas de professores de Matemática do Ensino Fundamental, ações de insubordinação criativa e possíveis contribuições no desenvolvimento da prática docente, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Identificar por meio das narrativas orais dos professores, ações que dialogam com o conceito de insubordinação criativa;
- ✓ Conhecer algumas características do professor de Matemática que revela ação de insubordinação criativa em sua prática docente;
- ✓ Mapear momentos que requerem ações de insubordinação criativa de professores de Matemática;
- ✓ Discutir sobre as possíveis contribuições de ações insubordinadamente criativas, desenvolvidas por professores de Matemática do Ensino Fundamental, para o desenvolvimento da prática docente.

A narrativa autobiográfica no estudo biográfico

Anunciada como uma renovação metodológica frente à insuficiência dos métodos tradicionais cientificistas e inúmeras demandas contemporâneas (FERRAROTTI, 2014), a pesquisa biográfica tem como um dos seus objetivos, o de investigar o meio pelo qual a

concepção e o devir das pessoas se constituem no contexto social (DELORY-MOMBERGER, 2012). Nesse sentido, o método de cunho biográfico possibilita estudar e compreender como as pessoas atribuem sentido e estruturam suas experiências, destacando a construção da consciência histórica de si e seus entendimentos sobre o meio onde vivem a partir da biografização (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011). Em particular, a pesquisa biográfica possibilita realizar um estudo da práxis do professor, considerando a coexistência dinâmica de fatores externos, os quais também interessam a este estudo.

A abordagem metodológica utilizada nesta investigação para atender os objetivos traçados, foi a narrativa autobiográfica. Segundo Nacarato (2010), essa abordagem possibilita a análise das singularidades de professores, o meio pelo qual se constituem e como se relacionam consigo e com os outros nos espaços escolares. É sob essa perspectiva da narrativa autobiográfica que este estudo a considerou no processo de investigação das ações de insubordinação criativa dos professores, por oportunizar conhecer, a partir dos seus relatos, parte de suas trajetórias profissionais e o contexto em que se inserem. Dessa forma, as narrativas autobiográficas dos professores colaboradores desta pesquisa, se configuram como corpus de análise, por se centrarem em suas histórias de vida profissional com foco em suas práticas docente e os elementos que as movem.

Procedimentos metodológicos

Este estudo contou com a colaboração de 12 professores de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental, atuantes na rede pública municipal de Teixeira de Freitas, Bahia, cidade onde reside uma das pesquisadoras. Para a seleção dos professores colaboradores foram utilizadas as variáveis social e geográfica, das quais foram considerados: a rede de educação em que trabalhavam os professores (municipal), o tempo de profissão (mínimo 5 anos) e localização da escola de atuação (central ou periférica). A fim de preservar as identidades dos professores entrevistados, utilizamos pseudônimos escolhidos por eles.

Como meio de produção de dados está sendo utilizada a Entrevista Narrativa por buscar trabalhar com fatos sociais, tendo como fonte experiências individuais e/ou coletivas, a partir de histórias de vida, considerando seus contextos sócio-históricos. A “ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes,

vão diretamente quanto possível” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 93). As entrevistas aconteceram em locais e horários previamente marcados junto aos professores. Alguns optaram por serem entrevistados nos locais de trabalho, outros em suas residências.

Para a organização das entrevistas, foi considerada a proposta de Jovchelovitch e Bauer (2008) na elaboração de procedimentos a serem adotados, a fim de evitar o esquema de pergunta-resposta das entrevistas estruturadas, assegurando manter a sintonia do locutor enquanto narra a sua história de vida. Assim, as entrevistas foram conduzidas por quatro fases: iniciação, narração central, fase das perguntas e fala conclusiva.

Durante transcrição das entrevistas gravadas em áudio, foram realizados alguns ajustes gramaticais da língua escrita e inserido nos textos das narrações palavras de identificação dos elementos não verbais, paralinguísticos, observados pela pesquisadora entrevistadora. Após essa etapa, os entrevistados assinaram cartas de cessão de direitos, concedendo permissão de publicação de suas narrativas após transcrição.

A análise dos dados produzidos ocorreu junto ao diário de campo, onde foram anotadas observações sobre a interpretação imediata do que ocorreu. Nesse processo foi considerado o modelo de análise de Entrevista Narrativa criado por Schütze (2007), com algumas adaptações à realidade pesquisada neste estudo. Assim, foram considerados quatro passos orientadores desse modelo: análise formal do texto, descrição estrutural do conteúdo, abstração analítica e análise do conhecimento.

A seguir, serão apresentados excertos da entrevista realizada com a professora Alice, professora pertencente ao grupo dos 12 professores colaboradores deste estudo.

A INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NA PRÁTICA DOCENTE DE ALICE

Após transcrição da narrativa de Alice, como já citado anteriormente, realizamos a análise do texto com orientação do modelo criado por Schütze (2007). Com base nos estudos de D'Ambrosio e Lopes (2014) e Gutiérrez (2015), foram identificadas algumas ações de insubordinação criativa e a estrutura social do contexto narrado por ela. Assim, foram destacados os seguintes campos de análise em suas ações: desafios educacionais e sociais, situações políticas educacionais, dinâmica de envolvimento e estratégias de insubordinação criativa. Após análise desses campos de investigação, destacamos, aqui,

apenas o “processo avaliativo” sob a perspectiva e experiência de Alice, pois o espaço deste texto não permite uma maior discussão.

Quem é a professora Alice?

Hoje, com 36 anos de idade, a professora Alice leciona há dezoito anos a disciplina Matemática na rede pública estadual e municipal da cidade de Teixeira de Freitas, Bahia. Com experiência nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio Técnico e no Ensino Técnico Pós-Médio. A escola municipal em que atua é localizada na periferia da cidade. Os alunos são em sua maioria de baixa renda, com alguns vivendo em situações de vulnerabilidade social. Ainda que apresente fragilidades na estrutura física, a escola é composta por ambientes necessários para um bom andamento das aulas.

Alice é uma professora que sempre está à procura de novos conhecimentos. “*Depois da minha graduação o que bem faço é não parar de estudar*”. Decida sobre a sua escolha profissional, começou a lecionar ainda cursando a graduação, na situação de serviço temporário. Essa experiência lhe proporcionou reflexões a cerca da sua futura profissão.

Eu estava no segundo ano da graduação quando comecei a dar aula. Com isso comecei a fazer comparações do que estudava no curso com a realidade que eu encontrava na sala de aula, para mim era tudo muito diferente, eu estudava uma coisa e quando chegava à escola me deparava com algo totalmente diferente do que via dentro da universidade. Costumo dizer que somos enganados, não é nada daquilo que você vai vivenciar na educação básica [...]. Ninguém falou que eu iria ser psicóloga, pai, mãe e não apenas professora de Matemática.

Alves (1997) designa essa situação por “choque de realidade”. Essa expressão pretende traduzir o impacto sofrido no início da profissão e corresponde a uma curva do desencanto, que indica o colapso dos ideais elaborados durante formação do professorado face à dura e crua realidade do cotidiano (BRAGA, 2001). Ainda assim, mesmo que decepcionada com a sua realidade, Alice diz realizada com a docência.

O gosto por ensinar matemática, posso dizer que surgiu quando eu pisei pela primeira vez na sala de aula, eu me senti extremamente realizada, por mais que passamos por diversos problemas, ainda assim, posso dizer que a minha vida é ensinar.

No decorrer da entrevista Alice se revela preocupada com a educação ofertada pelas escolas de hoje. Acredita ser necessário considerar elementos presentes no dia a dia do aluno na hora de ensinar, mas, *“infelizmente a escola não está preparada”*.

Essas e outras constatações sobre o perfil profissional de Alice auxiliaram esta investigação na compreensão e conhecimento acerca das motivações que a levou apresentar ações, inseridas em sua prática docente, que convergem com o conceito de insubordinação criativa. Em sua narrativa foram identificadas algumas ações de insubordinação criativa, porém apresentaremos apenas a revelada no processo avaliativo.

O processo avaliativo

Em seu relato, Alice afirma ter dificuldade em quantificar a avaliação escrita e que esse obstáculo já se manifesta durante planejamento das aulas.

A avaliação, falo que é o meu calcanhar de Aquiles. Tenho muita dificuldade em avaliar, [...], sei quais são as potencialidades e carências de cada um deles, agora sobre quantificar a avaliação, tenho muita dificuldade. [...] não gosto desse tipo de avaliação.

Ela acredita que a avaliação escrita impossibilita considerar fatores externos presentes no dia a dia do seu aluno, como por exemplo, questões relacionadas à família, saúde e trabalho. Com isso, com o intuito de amenizar o peso atribuído à avaliação escrita, Alice faz uso de vários meios avaliativos.

Daí vem minhas avaliações diárias, trabalhos [...], produzo uma lista com questões e entrego a eles ou anoto no quadro, [...] chamo o aluno ao quadro para explicar como encontrou a resposta de uma questão, para eles irem desenvolvendo o falar em público e segundo, é o momento em que realmente identifico a dificuldade deles. Gosto também de trabalhar com jogos e materiais manipulativos e com a história da matemática. Eles produzem muito material bacana.

Para Alice, trabalhando dessa forma ela atribui maior significado ao processo quando oportuniza que o aluno seja avaliado de forma a ampliar a possibilidade de apresentar o que realmente sabe sobre o conteúdo estudado. Nesse aspecto, ela faz uso da sua criatividade, crenças e concepções em prol de beneficiar os seus alunos, com o intuito de tornar o processo avaliativo mais justo.

Após findar espontaneamente a narração central da entrevista, Alice revela durante a fase das perguntas, que já trabalhou um trimestre inteiro sem aplicar avaliação escrita e sem aviso prévio à coordenação.

Quando resolvi trabalhar sem aplicar uma única avaliação escrita, não vou mentir, deu muito trabalho. Porque no momento de socializar com os alunos, eles questionam muito. A partir daí, planejamos juntos outra forma de avaliação. Tudo isso requer um planejamento antecipado bem preparado, eles sugerem muitas coisas, eles opinam muito, não me incomoda.

A ação de Alice representa dois movimentos de insubordinação criativa. O primeiro busca concretizar suas reflexões e apreensão sobre o método avaliativo por escrito, o segundo cria possibilidades de planejamento onde o aluno assume o papel de coautor do processo de ensino e aprendizagem. Ambos representam atitudes de subversão responsável contra o estado atual, uma vez que é previsto e cobrado de Alice, que trabalhe com o método avaliativo tradicional.

Nas escolas todos os coordenadores questionam dizendo que se não tem uma avaliação escrita no trimestre é como se a forma pela qual os alunos foram avaliados não tem valor. Por esse motivo, acabo fazendo uma avaliação com uma pontuação bem pequena. [...] Tem professor que aplica uma avaliação valendo cinco pontos de um total de dez pontos a serem distribuídos durante o trimestre. Sou contra isso, mas a gente vive em um sistema educacional que cobra certa porcentagem do total da média final em avaliação escrita.

Ao identificarmos os dilemas vivenciados por Alice, ainda que já tivesse justificado os motivos pelos quais não gostava de trabalhar com avaliação escrita, questionamos sobre a existência de outra motivação, que a fizesse desafiar o sistema tradicional de avaliação apresentado na escola em que trabalha.

No começo da minha carreira, trabalhava só com prova escrita e ponto final. Eram os dez pontos da unidade distribuídos em duas provas escritas. Primeiro eu não concebia que pudesse ter outro tipo de avaliação, por quê? Eu fui formada assim, tanto na minha vida escolar como na acadêmica. Então quando comecei a trabalhar eu não entendia como poderia trabalhar com o meu aluno de uma maneira diferente, eu não concebia que meu aluno poderia produzir sua própria avaliação ou sugerir o que vai ser cobrado dele ou como vai ser avaliado. Demorou muito tempo para que eu pudesse aceitar e colocar em prática essa questão.

Enquanto estava cursando outro curso de graduação, tive um professor que não aplicava avaliação, posso te dizer que nunca faltou um aluno na aula dele, todos ficavam em sua aula atentos ao que estava falando. Aquilo me fez refletir sobre a minha postura, vi que dava para ser trabalhado dessa maneira, dá para trabalhar sem avaliação escrita, enxerguei isso de forma positiva. [...], isso me deu uma luz sobre essa possibilidade. Aprendi que a qualidade do meu trabalho não vai ser avaliada a partir do momento em que decido não aplicar avaliação escrita. [...] mesmo sabendo que não é fácil o professor trabalhar sem avaliação escrita.

Essas passagens fortalecem o discurso sobre a influência da experiência de vida sobre a formação do professor. Os acontecimentos vivenciados em ambientes educacionais orientam sua prática. No caso de Alice, mesmo que essa experiência tem acontecido após anos de profissão, influenciou significativamente na sua decisão de não aplicar avaliação escrita, fundamentando suas crenças e concepções.

No entanto, questionamentos dos seus pares a fizeram ter receio de continuar. Preocupada com as críticas sobre a sua postura, mesmo satisfeita com o resultado, Alice recuou.

Além disso, tem os colegas, que criticam muito quando o aluno o questiona o porquê ele aplica avaliação e eu não, com isso o coordenador é acionado e acaba caindo na cobrança da avaliação escrita, não é fácil. Por isso, acabo aplicando uma única avaliação com pontuação pequena, uns dois pontos, para acabar não me expondo às críticas dos colegas, dos alunos, pais e da coordenação.

Sobre essa experiência, Alice conclui que apesar de ter dado muito trabalho, foi “incrível”, tanto para ela enquanto professora como para os seus alunos, ela disse que se sentiram mais atraídos pela matemática. Sentiu-se realizada.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Alice se apresentou como uma professora com forte tendência a desenvolver ações de insubordinação criativa em sua prática. Sua narrativa apresenta reflexões sobre o sistema de suas ações (PERRENOUD, 2001) quando faz questionamentos racionais reflexivos sobre uma ação singular realizada por ela. Suas indagações não se limitam à sua prática, o sistema político educacional e tradicional, e, sua formação inicial são constantemente mensurados quando é relatada uma ação fruto de reflexões e inquietudes advindas de situações escolares que divergem de suas crenças e concepções.

A iniciativa de Alice de desenvolver a atitude de insubordinação criativa, aqui exposta, foi apoiada na figura do seu professor ao apresentar uma ação pedagógica que confluía com suas concepções, quando considerou ser uma possível solução para uma das suas inquietações. Sua ação se efetivou no contexto do processo avaliativo caracterizando-se como mencionado anteriormente por D'Ambrosio e Lopes (2014), uma ruptura à

cobrança institucional local imposta, ao não trabalhar com o método de avaliação tradicional considerado por ela, como excludente. Além disso, ao proporcionar aos seus alunos atuarem como coautores na criação de alternativas de avaliação e de ensino, ela apresentou à comunidade escolar uma possibilidade de todos atuarem em clima de colaboração, transformando uma questão racional em uma moral (GUTIERREZ, 2015).

Pertencente a um contexto onde a dinâmica envolve professora, alunos, outros professores e coordenador, sua postura reflete autonomia e gerenciamento sobre sua conduta. No entanto, ao concretizar sua ação, Alice foi intimidada por cobranças que a desmotivaram dar continuidade. Naquele momento ela optou por se preservar, evitando críticas de seus pares e coordenação, revelando um contexto indisponível a mudanças.

Com base em nossas reflexões acerca da postura de Alice e dos outros professores entrevistados, assumimos, aqui neste estudo, a insubordinação criativa como uma postura de inconformismo, irreverência com o *status quo* e de desejo de construção de uma nova realidade diante necessidades de um contexto contemporâneo. E que, para isso, é preciso acreditar no novo, nos benefícios do diferente, nas novas possibilidades de soluções. A insubordinação criativa é legitimada ao está pautada em princípios éticos e morais que sustentam ações criativas que buscam modificar a realidade do próximo quando ela não o favorece. Isso implica que essas ações quebram um estado de inércia contextual, por estar sujeito a permanecer subordinado a políticas ou costumes tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. C. **O encontro com a realidade docente: estudo exploratório** (Auto) biográfico. 1997. 711 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.
- BRAGA, F. **Formação de professores e identidade profissional**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- CROWSON, R. L. Managerial ethics in educational administration: the rational choice approach. **Urban Education**, v. 23, n. 4, p. 412-435, 1989. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0042085989023004006>>. Acesso em: 7 maio. 2018.
- D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Org.). **Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- D'AMBROSIO, U. Prefácio. In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Org.). **Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 17-42. (Coleção Insubordinação criativa).

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFN, 2014.

GUTIERREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In: MARTINEZ, M.; CASTRO SUPERFINE, A. (Org.). **Proceedings of the 35th annual meeting of the North American Chapter of the Inter-national Group for the Psychology of Mathematics Education**. Chicago, IL: University of Illinois at Chicago, p. 1.248-1.251, 2013.

GUTIÉRREZ, R. Risky business: Mathematics teachers using creative insubordination. In: BARTELL, T. G.; BIEDA, K. N.; PUTNAM, R. T.; BRADFIELD, K.; DOMINGUEZ, H. (Org.). **Proceedings of the 37th annual meeting of the North American Chapter of the Inter-national Group for the Psychology of Mathematics Education**. Michigan, MI: Michigan State University, p. 679-686, 2015.

HAYNES, E.; LICATA, J. W. Creative insubordination of school principals and the legitimacy of the justifiable. **Journal of Educational Administration**, Bingley, v. 33, n. 4, p. 21-35, 1995.

HUTCHINSON, S. A. Responsible subversion: A study of rule-bending among nurses. **Scholarly Inquiry for Nursing Practice An International Journal**, Nova York, v. 4, n. 1, p. 3-17, Primavera. 1990.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: GASKEL, G.; BAUER, M. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

KEEDY, J. L. Creative Insubordination: Autonomy for School Improvement by Successful High School Principals. **The High School Journal**. North Carolina. v. 76, n. 1, p. 17-23, 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40364566>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

MORRIS, V. C.; CROWSON, R. L.; HURWITZ J. R., E.; PORTER-GEHRIE, C. **The urban principal**: discretionary decision-making in a large educational organization. 1981. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED207178>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369- 386, abr. 2011.

ROCHE, K. Moral and ethical dilemmas in Catholic school settings. In: BEGLEY, P. T. (Ed.). **Values and educational leadership**. Albany, NY: SUNY Press, 1999. p. 255-272.

SCHÜTZE, F. Biographical counselling in rehabilitative vocational training. Part 1 [Module B.2.1]. **Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives**: how to analyse autobiographical narratives interviews. Magdeburgo: Univ., insges, 2007. p. 1-64. Disponível em: <<http://www.unimagdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.1.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2019.